

Entrevista

A literatura nacional brasileira em perspectiva transnacional: debates, conceitos, metodologias

The Brazilian national literature in a transnational perspective: debates, concepts, methodologies

La literatura nacional brasileña en perspectiva transnacional: debates, conceptos, metodologias



Sébastien Rozeaux

Universidade de Toulouse Jean Jaurès (UT2J), Toulouse, França
rozeaux@gmail.com



Valéria Bezerra

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil
valeria_bezerra@ufg.br



Raquel Campos

Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, Goiás, Brasil
raquelmgcampos@ufg.br

Resumo: Sébastien Rozeaux, brasileiro dedicado ao estudo da história e da história literária brasileiras, concedeu entrevista aos professores Valéria Bezerra, Raquel Campos, Lúcia Granja e Pedro Paulo Catharina, que ora publicamos. O material, transcrito, editado, anotado e revisado por Valéria Bezerra e por Raquel Campos, traz um debate acerca das pesquisas de Sébastien Rozeaux sobre a literatura brasileira oitocentista; do exame sociológico que fez das personalidades implicadas na construção da literatura nacional brasileira; de métodos e conceitos relevan-

tes para o estudo da literatura em uma perspectiva histórica e ainda de suas incursões nos estudos das relações Brasil-Portugal.

Palavras-chave: literatura nacional; século XIX; pesquisa em arquivos; relações Brasil-Portugal-França.

Abstract: Sébastien Rozeaux, a Brazilianist dedicated to the study of Brazilian history and literary history, gave an interview to professors Valéria Bezerra, Raquel Campos, Lúcia Granja, and Pedro Paulo Catharina, which we now publish. The material – transcribed, edited, annotated, and revised by Valéria Bezerra and Raquel Campos – presents a discussion on his research into 19th-century Brazilian literature; his sociological examination of the figures involved in the construction of Brazilian national literature; relevant methods and concepts for studying literature from a historical perspective; and his explorations of Brazil-Portugal relations.

Keywords: national literature; 19th century; archival research; Brazil-Portugal-France relations.

Resumen: Sébastien Rozeaux, brasilianista dedicado al estudio de la historia y de la historia literaria brasileñas, concedió una entrevista a los profesores Valéria Bezerra, Raquel Campos, Lúcia Granja y Pedro Paulo Catharina, que ahora publicamos. El material, transcrito, editado, anotado y revisado por Valéria Bezerra y Raquel Campos, presenta un debate sobre sus investigaciones acerca de la literatura brasileña del siglo XIX; el examen sociológico que realizó de las personalidades implicadas en la construcción de la literatura nacional brasileña; los métodos y conceptos relevantes para el estudio de la literatura desde una perspectiva histórica, así como sus incursiones en los estudios sobre las relaciones entre Brasil y Portugal.

Palabras clave: literatura nacional; siglo XIX; investigación en archivos; relaciones Brasil-Portugal-Francia.

Submetido em: 05 de maio de 2025

Aceito em: 14 de outubro de 2025

Publicado em: 13 de fevereiro de 2026

Sébastien Rozeaux, professor da Universidade de Toulouse Jean Jaurès, dedica-se, há quase duas décadas, ao estudo do Brasil, em uma perspectiva histórica e literária. Ele é, notadamente, autor de *Letras pátrias: les écrivains et la création d'une culture nationale au Brésil (1822-1889)* [Letras Pátrias: os escritores e a criação de uma cultura nacional no Brasil (1822-1889)], livro oriundo de sua tese de doutorado e publicado em 2022; de *Préhistoire de la lusophonie* [Pré-história da lusofonia] (2019a) e de uma série de artigos e de capítulos de livro referentes à história da literatura brasileira. Em meados de 2024, ele defendeu sua tese de *Habilitation à Diriger des Recherches* (HDR) intitulada *Une utopie au milieu du désert: l'événement Canudos, Brésil* [Uma utopia no meio do deserto: o acontecimento Canudos, Brasil].

Em junho desse mesmo ano, Sébastien Rozeaux esteve, por cerca de quinze dias, na Universidade Federal de Goiás (UFG), no quadro do Programa Professor Visitante Estrangeiro, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG). Nessa ocasião, ele proferiu a Conferência de Abertura do *I Colóquio Literatura e História: historicidade e arquivos*, ocorrido entre 11 e 14 junho de 2024, na Faculdade de Letras da UFG. O historiador francês também ministrou o curso *Literatura e história: pesquisa em arquivos*, oferecido na Faculdade de História da UFG, entre 17 e 19 de junho de 2024, e, no quadro dessa mesma estadia, ele concedeu esta entrevista a Valéria Cristina Bezerra e a Raquel Campos. Na ocasião, estiveram ainda presentes Lúcia Granja, professora da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e Pedro Paulo Catharina, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que também fizeram perguntas ao entrevistado.

Detendo-se, particularmente, na literatura brasileira do século XIX, tema de pesquisa privilegiado tanto de Sébastien Rozeaux quanto de seus entrevistadores, a entrevista toma, inicialmente, por objeto, as dissonâncias entre as ambições da emergente classe dos escritores brasileiros no século XIX e as condições efetivas de exercício da atividade literária no Brasil naquela época. Tal perspectiva sociológica, que marca a singularidade das pesquisas de Sébastien

Rozeaux a respeito do nascimento da nacionalidade literária no Brasil, percorre a entrevista como um todo e permite destacar a contribuição das pesquisas em arquivos para a compreensão da história da literatura não só para historiadores, mas também para pesquisadores da área de literatura. Estes, como aqueles, têm se mostrado igualmente interessados em investigar o lugar da produção literária em uma dada sociedade e estão atentos à materialidade dos textos e a seu impacto nas práticas de leitura.

Tal perspectiva sociológica conduz, do mesmo modo, a discutir conceitos centrais para o estudo da literatura de um ponto de vista histórico, como é o caso de “campo literário”. Proposto por Pierre Bourdieu, em *Regras da arte* (1996), o conceito é objeto de debate sobre sua aplicabilidade ao Brasil do Oitocentos. Nesta entrevista, Sébastien Rozeaux defende a necessidade de não descartá-lo, ao mesmo tempo em que elege o conceito de “espaço literário” como mais adequado para se compreenderem as “letras pátrias” brasileiras do século XIX, por permitir considerar a atuação da diversidade de seus agentes (para além dos escritores), por levantar o problema de sua dimensão geográfica em um país continental e por contemplar a singularidade da proposta de autonomia social e política a elas vinculada.

Esse conjunto de questões e de reflexões diz respeito, especialmente, ao projeto de construção de uma nacionalidade literária no Brasil e ao livro *Letras Pátrias*. A dimensão transnacional de tal empreendimento foi igualmente abordada na entrevista, considerando-se especialmente as relações entre Brasil e Portugal, que são o objeto central de *Préhistoire de la lusophonie*, obra em que Sébastien Rozeaux (2019a) procura investigar a visão da intelectualidade portuguesa sobre a produção brasileira no século XIX. O historiador salienta que, embora os intelectuais portugueses tenham sustentado um discurso sobre a existência de relações privilegiadas entre o Brasil e sua “pátria-mãe”, foram efetivamente os escritores brasileiros os responsáveis por alimentar um espaço literário luso-brasileiro, espaço esse que muitas vezes se triangulou em Brasil-Portugal-França e assumiu igualmente uma dimen-

são múltipla, envolvendo vários países ao mesmo tempo. Afinal, a construção de uma literatura nacional, mostram as pesquisas de Sébastien Rozeaux aqui discutidas, só pode ser compreendida adotando-se uma perspectiva de análise transnacional.

Valéria Bezerra: no livro *Letras Pátrias: les écrivains et la création d'une culture nationale au Brésil* (1822-1889), você analisa a busca de construção do espaço literário brasileiro e o esforço, ou missão, dos letrados para a constituição do patrimônio literário nacional, chamado, recorrentemente, à época de “Letras Pátrias”. Você mostra que, com o desenvolvimento do mercado de livros e de impressos no Brasil, a proteção imperial deixou de ser o principal meio de respaldo aos escritores, que passavam a contar com o editor e com o público para a publicação de suas obras, inicialmente por subscrição, em seguida com o estabelecimento de contratos com editores. No entanto, os escritores se queixavam reiteradamente da escassez de público e de sua baixa aptidão literária. Para compreensão desse cenário, nos anos de 1870, você recorre aos dados do censo de 1872, que indicam uma taxa de analfabetismo de 85% para o conjunto da população, mas de em torno de 50% no Rio de Janeiro e em outros centros urbanos, lugares em que se verificava maior dinamismo no mercado livreiro. Essas condições te levam a observar que a “edificação do grande monumento nacional”, ao longo do século XIX, revelava-se uma “missão impossível” (Rozeaux, 2022, p. 249, tradução nossa). Apesar dessas circunstâncias, você nota que houve escritores que alcançaram grande sucesso, ao renunciarem à literatura séria e a um engessamento da tradição literária em nome do divertimento do público. O teatro, sobretudo, que podia driblar os índices de analfabetismo, produziu verdadeiros fenômenos culturais, com peças que tiveram centenas de representações. Alencar deixou um manuscrito inacabado de uma peça intitulada *O Abade*, escrita provavelmente em 1875¹, em que fazia uso dos mesmos recursos do teatro popular, como a comédia, o canto, a dança. Ele sabia exatamente o que

¹ *O Abade* encontra-se atualmente publicado. Conferir: RAMOS, Danielle Cristina Mendes; PELOGGIO, Marcelo; SOARES, Marcus Vinicius Nogueira; CUNHA, Washington Dener dos Santos (org.). *José de Alencar: dispersos e inéditos*. Salvador: EDUFBA, 2021.

interessava o público, mas preferiu não levar adiante esse projeto. Com relação ao mercado de livros, vale mencionar a existência de editores estrangeiros instalados no Brasil que acumularam fortunas. Diante desse cenário, se havia chances de êxito profissional, o que levou os escritores a insistirem no que você chama de “postura vitimadora” e a persistirem nos valores eleitos, ainda que heterogeneamente, de uma missão literária nacional?

Sébastien Rozeaux: trata-se de uma questão complexa, que poderia mobilizar vários campos de reflexão. Ampliou-se, ao longo do século XIX, a possibilidade de, como os franceses diziam, *vivre de sa plume*, viver da escrita, da criação. Essa ambição nasceu em meados do século XIX também no Brasil. Estudei esse aspecto no âmbito do projeto do qual participamos², verificando a circulação das representações dos escritores no Brasil, em relação com o que acontecia tanto em Portugal como na França. Havia, portanto, essa ambição do escritor de alcançar certa profissionalização. Mas devemos confessar que, apesar de cerca de 50% das pessoas no Rio de Janeiro poderem ter acesso ao impresso, esse mercado era bastante limitado. Os livros vendiam-se em poucos exemplares, as tiragens eram de quinhentos exemplares, mil no máximo. Então, o lucro para o escritor era limitado. Havia o papel crescente da imprensa, que compensava essa limitação, pois, a partir de meados do século XIX, os escritores, jornalistas, conseguiam receber maior lucro pela produção de folhetins, de crônicas, como foi o caso de Machado de Assis e de outros autores. Mas nem por isso, no século XIX – e creio que até o início do século XX –, os escritores brasileiros conseguiam viver da escrita; se isso acontecia, era muito excepcionalmente. Por exemplo, na tese (Rozeaux, 2012), eu analisei o exemplo do Joaquim Manuel de Macedo. Ele escreveu muitos romances e muitos livros didáticos, porque o livro didático era o que mais se vendia e mais dava lucro, e ele tentou, durante toda a carreira, durante anos, multiplicar os contratos com as editoras, escrever vários livros didáticos, atender a encomendas do Estado

² Sébastien Rozeaux refere-se ao projeto de cooperação internacional “Circulação transatlântica dos impressos: a globalização da cultura no século XIX”, coordenado por Márcia Abreu e Jean-Yves Mollier. Para maiores informações, acessar: <http://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br>.

para as exposições internacionais, mas nem por isso ele conseguiu manter uma boa renda; ele precisou viver constantemente em busca de dinheiro. Em meu trabalho, faço uma comparação entre ele e Balzac, que também publicava obstinadamente livros e folhetins para pagar dívidas. Então, penso que é essa situação que explica, em parte, a postura vitimadora do escritor, que se queixava de não poder viver bem de seu trabalho.

Acho que há outra dimensão, talvez mais de representação social, mais simbólica, e que tem a ver com o que eu chamaria de *ethos* romântico. O gênio romântico não deixa de se queixar, é o gênio maldito, o gênio desconhecido, que o público não compreende. Vemos muito essa retórica nas biografias e autobiografias dos escritores do século XIX no Brasil. Por exemplo, na *Revista do IHGB* (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), há uma seção de biografias e, já nas últimas décadas do século XIX, é possível encontrar biografias de escritores do início daquele século em que aparece com recorrência essa imagem do escritor que não foi devidamente respeitado, que não foi bem considerado pela sociedade, que viveu com poucos recursos, que morreu isolado. São estereótipos, porque quando se olham de perto as carreiras, as trajetórias, percebe-se que eram mais complexas do que essa imagem reiterada, que, eu diria, tem a ver com esse *ethos* romântico.

E penso, para encerrar, que esse discurso resulta da dissonância que existe entre as grandes ambições dessas primeiras gerações de escritores e os resultados. Quando nasce o projeto de fundar uma literatura nacional – eu diria, em vez disso, as letras pátrias, porque, na verdade, a missão não se voltava só para a literatura, mas para as letras, e o escritor naquela época escrevia poemas, assim como ensaios, história, filosofia, teatro, poesia, jornalismo, tudo isso estava imbricado. Como eu dizia, quando foi definido o projeto de letras pátrias nos anos 1830 (na *Revista Nithe-roy*, por exemplo), a ambição era muito grande, pois se almejava criar uma base cultural para a identidade nacional brasileira, que era nova, que tinha aparecido havia dez anos e que não tinha ain-

da fundamento específico, porque, na verdade, até 1822, o brasileiro era português. Então, era preciso definir esses fundamentos da nação brasileira, essa era a grande ambição.

A outra ambição que eles tinham – por isso, estudei as duas vertentes – era a de que, obviamente, o Estado, a sociedade reconhecessem esse “grande monumento nacional”, tal como fora definido por José de Alencar, mas que se reconhecesse também o valor, o talento dos escritores. Há, portanto, também, essa vertente mais sociológica da ascensão social de uma nova classe – classe reduzida – que é a dos homens de letras, mulheres também, mas sobretudo homens. Já no fim do período romântico, verifica-se que essa ambição não foi completamente satisfeita, porque essa literatura nacional era ainda carente de reconhecimento pelo público e porque o estatuto do escritor, do homem de letras, não deixou de ser um tanto marginalizado. O lucro não era satisfatório; eles tentavam sempre encontrar um modo de obter o apoio do Imperador, de algum ministro importante, de alguma pessoa que pudesse lhes dar acesso a uma função no Estado, porque eles viviam sobretudo disso, atuando fosse como professor, fosse como funcionário público em algum Ministério ou no Judiciário. Mas quase nenhum vivia só da escrita. Então, penso que essa postura vitimadora viesse também das frustrações em relação a um espaço público, a um espaço literário, que não correspondia exatamente ao que eles tinham imaginado.

Valéria Bezerra: seu livro oferece um consistente trabalho de consultas em arquivos. Tivemos aqui, na UFG, nesta semana, o *I Colóquio Literatura e História: historicidade e arquivos*, em que pudemos conhecer trabalhos desenvolvidos a partir de consultas em arquivos e discutir a importância desses documentos para o avanço do conhecimento da literatura em perspectiva histórica. No entanto, esse tipo de metodologia, que favorece um apurado caráter científico às pesquisas, não é devidamente compreendido ou reconhecido nos estudos literários, como constatam Pedro Paulo Catharina – que esteve no referido Colóquio e está aqui conosco, nesta entrevista –, conjuntamente com Celina Maria Mo-

reira de Mello, na apresentação do livro organizado por ambos, intitulado *Metodologia e transdisciplinaridade nos estudos literários* (2022). Para os organizadores, “as abordagens do fato literário não se confinam no texto e em sua interpretação” (Mello; Catharina, 2022, p. 10), pois “há diferentes caminhos muito produtivos no âmbito dos Estudos Literários, para além da abordagem imanente, esta tendo sido hegemônica no âmbito dos Estudos Literários brasileiros” (Mello; Catharina, 2022, p. 10). Em seu trabalho, você demonstra ter realizado a leitura de uma grande quantidade de obras literárias brasileiras do século XIX e mesmo do XX, aliando o estudo da obra à análise de documentos para a construção de suas hipóteses. O seu estudo insere-se no âmbito da História, mas apresenta exercícios analíticos e resultados bastante interessantes para os estudiosos de literatura. Ainda que a partir da visão de um historiador, como você entende a contribuição das pesquisas em arquivos para os estudos literários?

Sébastien Rozeaux: eu acho que ir para o arquivo ajuda a entender o lugar da literatura em uma dada sociedade, em uma dada época. Isso é história, naturalmente, história cultural. É a história da literatura, mas é também a história do fato literário, isto é, de um fato social em uma determinada época. Então, esse tipo de abordagem privilegia o texto literário em sua *mise-en-scène*, em sua encenação na sociedade, o que implica a materialidade do texto. É isso que interessa, entre outros aspectos, aos historiadores. Mas penso que também os literatos, na verdade, e cada vez mais, interessam-se por saber como foi publicado o texto, quando, em que condições, como ele foi recebido, se ele foi lido e por quem, por quantas pessoas, como os leitores receberam o texto – o que implica a questão da crítica, quero dizer, a crítica produzida pelos críticos literários, mas também pelo público, porque cada leitor faz uma avaliação de um texto literário. Então, eu diria que a perspectiva historiográfica realça a materialidade do texto assim como a questão da comunicação literária. Trata-se de um conceito explorado pelo historiador Alain Vaillant (2017): o que é a comunicação literária e como o leitor tem acesso ao texto? É claro que pode ser

através do livro, mas, no século XIX, pode ser também através da revista, através do jornal, que se democratiza ao longo do século. O acesso ao texto pode se dar inclusive por meio de uma fala, de uma conversa, das quais muitas vezes não restam traços nos arquivos. Falta documentação sobre isso, mas há inúmeros testemunhos de leituras de poemas, às vezes com acompanhamento de música, o que permitia ao público analfabeto ter acesso a essa criação literária. Estudar a literatura não é só, portanto, tratar de livro, e creio que os historiadores, seja na França, seja no Brasil, dão cada vez mais importância à questão da imprensa periódica como a principal mídia no século XIX, por meio da qual o texto literário chegava até o leitor. Essa é até mesmo uma questão antropológica. O texto literário não era separado do resto da vida cotidiana, porque ele estava ao lado da crônica política, dos anúncios de venda de escravos, enfim, havia uma mescla de materiais muito interessante. O leitor do romance-folhetim, publicação que era seriada, virava a página do jornal e lá encontrava outro assunto e tinha que aguardar o dia seguinte para continuar a leitura do romance-folhetim. Essas práticas de leitura precisam ser consideradas. Quando pensamos no livro, há a questão do paratexto, das dedicatórias, do editor, dos prefácios, do índice. Nas edições do século XIX, é possível encontrar um elemento particularmente interessante para nós: as listas de subscrição. Nelas, constam os nomes de todas as pessoas que compraram o livro, o que pode oferecer um material muito proveitoso para se fazer uma sociologia dos leitores. Isso tem a ver, afinal, com a dimensão social de minha reflexão sobre literatura.

Quando comecei a pesquisa de doutorado, decidi fazer um estudo tanto de história das ideias, digamos – ou seja, do que significa a literatura brasileira –, quanto de história social: quem eram os escritores; como alguém se tornava homem de letras; como se dava o ingresso e a permanência na carreira literária, tendo em vista que muitos não continuavam no exercício das letras, por várias razões. Penso que essa reflexão mais sociológica – que vem de

Pierre Bourdieu e de uma forte tradição francesa – permite conferir ainda mais sentido ao pensamento da literatura como fenômeno social no Brasil do século XIX.

Raquel Campos: em sua tese de doutorado, transformada depois no livro *Letras Pátrias: les écrivains et la création d'une culture nationale au Brésil (1822-1889)* (Rozeaux, 2022), você se deteve em um tema central da história literária brasileira: o da nacionalidade literária, isto é, do projeto de construção de uma literatura nacional no Brasil. Você poderia situar seu trabalho em relação a essa tradição de estudos no Brasil, abordando, em particular, a singularidade de sua abordagem enquanto historiador? Você já falou um pouco sobre isso em suas respostas, mas eu gostaria que você explicitasse um pouco mais esse aspecto, pensando no peso dessa problemática da nacionalidade no Brasil, tanto no universo da literatura quanto no da história.

Sébastien Rozeaux: quando eu comecei minha pesquisa, a primeira coisa que tive de fazer foi ler os muitos estudos que existiam em torno dessa questão, porque eu não podia pretender fazer um trabalho interessante e novo sem ter esse conhecimento bastante amplo da bibliografia – boa parte dela feita no Brasil e por pesquisadores brasileiros. Já havia alguns trabalhos sobre as relações transatlânticas feitos por colegas na França, onde há uma tradição de estudos sobre essa questão. Então, eu li também esse material. Nesse momento inicial, eu me dediquei muito especialmente à *Formação da literatura brasileira*, de Antonio Candido (1959), livro central sobre a questão das origens da literatura nacional brasileira. Minha perspectiva, no início, era ir nessa direção e fazer, inclusive, um trabalho de atualização, de reavaliação do trabalho do Candido (1959), mas não em uma perspectiva crítica ao que ele fez, tendo em vista que ele abrange um período muito mais amplo. Não tive, portanto, esse propósito e sim, talvez, o de perseguir as mesmas perguntas através de perspectivas diferentes. Eu também me dediquei à leitura de trabalhos que não tratavam do Brasil e que fazem parte da tradição historiográfica francesa sobre o campo literário, sobre

a relação entre editores e escritores, sobre o romantismo (que tem uma dimensão global – embora com raízes alemãs e francesas). Li ainda muitos trabalhos de história literária, para tentar formular hipóteses investigativas e buscar enriquecer um pouco a reflexão sobre o objeto, que não era nada novo, considerando a quantidade de trabalhos a seu respeito. Por isso, eu tinha essa vontade de cruzar uma perspectiva de história das ideias com uma perspectiva mais sociológica, à luz das obras de Bourdieu (1996), Alain Vaillant (2017), Christophe Charle (2001) e outros colegas que discutiam a questão dos intelectuais, do campo acadêmico, do espaço público, do espaço literário, como também a questão da “civilização do jornal”, sobre a qual há obras muito importantes na França (Kalifa *et al.*, 2011), mas também no Brasil, onde se tem produzido cada vez mais trabalhos a esse respeito. Tentei, portanto, cruzar bibliografias diferentes, com o fim de encontrar uma via, digamos, original para o desenvolvimento de meu estudo.

Penso que a dimensão mais original do meu trabalho esteja na perspectiva sociológica que eu escolhi, ao buscar fazer o recenseamento dos escritores, procurando identificar quantos escritores e quantas escritoras havia, se era legítimo apontar para a existência de gerações, quais eram os modelos, quais eram os tipos dominantes. E, ao fazer isso, procurei também revisar uma tradição da história literária brasileira que evoca a existência de gerações sucessivas a partir de uma reflexão baseada no estilo, na forma de se escrever. Assim, procurei apresentar um lado diferente, que não vai de encontro à perspectiva mais tradicional e que pode, a meu ver, caminhar junto a ela, uma vez que assinala as ambições do escritor em suas relações com o poder, com o público, enfim. Penso que essa abordagem dê um pouco mais de complexidade às questões que já existiam no debate.

Lúcia Granja: já há alguns anos, considera-se insuficiente o que Antonio Candido (1959) pensa em *A formação da literatura brasileira*, no que se refere à relação entre leitor-obra-público. Resta-nos, então, a noção de campo literário. Mas, no Brasil, os sociólogos (e mesmo fora do Brasil, nomes de grandes historiado-

res, como Roger Chartier e Jean-Yves Mollier, que conhecem bem a história dos livros e da edição no Brasil), alegam que, só nos anos 1930, houve campo literário no Brasil, na definição de Bourdieu (1996). Mas, em sua tese (Rozeaux, 2012), usando a palavra espaço literário, você reúne 190 autores que constituem essa metonímia do que seria o campo ou o espaço literário. E você trata de uma série de características desse espaço literário, que é duplo, pois ele é estreito, mas, ao mesmo tempo, conhece uma grande expansão entre 1830 e 1870. Eu gostaria de saber, e pensando nas próximas gerações, como é que o trabalho de grandes projetos, como esse do qual nós fizemos parte, que foi “A circulação transatlântica dos impressos”³, teses como a sua, pesquisas de fonte, que têm nos revelado outros dados sobre o século XIX e sobre a literatura brasileira no século XIX, ajudam-nos a forçar um pouco o alargamento e a ampliação do conceito de campo literário no Brasil, recuando esse campo até o século XIX.

Sébastien Rozeaux: quando comecei minha pesquisa, uma de minhas primeiras leituras teóricas foi *As regras da arte*, de Bourdieu (1996), que é um trabalho denso, pesado, complexo, do qual eu não tinha como escapar. Li, em seguida, o livro de Alain Viala (1985), que também mobiliza esse conceito para pensar o campo literário francês já no século XVIII. Existe ainda uma série de trabalhos, que vão na mesma direção de Bourdieu (1996), desenvolvendo essa questão do campo literário, inclusive nas gerações ulteriores. Penso, por exemplo, nos estudos de Gisèle Sapiro (2024), que é, hoje em dia, uma das grandes especialistas na questão, colocando-se na esteira de Bourdieu (1996).

Nas primeiras versões da tese, mobilizei o conceito de campo e essa noção continuou presente em meu trabalho. Trata-se de uma noção muito interessante, porque ela permite alargar a reflexão sobre literatura, incluindo a questão da história das trajetórias

³ As informações sobre a execução do referido projeto encontram-se disponíveis no site <https://www.circulacaodosimpressos.iel.unicamp.br>. Os principais resultados obtidos pelas pesquisas de seus participantes foram publicados nas seguintes coletâneas de artigos: ABREU, Márcia (org.). *Romances em movimento*. A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914). Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2016; GRANJA, Lúcia; LUCA, Tania de (org.). *Suportes e mediadores*. A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914). Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2018; PONCIONI, Claudia; LEVIN, Orna. *Deslocamentos e mediações*. A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914). Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2019.

de cada escritor na sociedade. Ela inclui ainda a questão do poder simbólico da literatura, porque o campo literário permite ressaltar o lugar da literatura na sociedade. Não devemos esquecer que a literatura tinha essa reputação imensa no século XIX, da qual Victor Hugo, os grandes nomes de escritores, as celebridades literárias, que foram os grandes heróis da nação, são tributários. E isso se encontra também nas primeiras gerações literárias brasileiras. Qual era a ambição de Gonçalves de Magalhães, por exemplo? Era ser reconhecido como primeiro grande gênio literário brasileiro, o que não aconteceu, infelizmente.

Acho que o conceito de campo é muito interessante e até mesmo indispensável hoje em dia para pensar essa realidade. No caso brasileiro, há sim trabalhos que sustentam a ideia de que o campo literário se estruturou a partir do século XX e, de forma mais nítida, digamos, nos anos 30 do século XX. Mas devo confessar que passei a discordar dessa ideia ao perceber, nas fontes, nos arquivos, todos os elementos do campo aparecendo aos poucos: o escritor, o mecenato, os editores, a imprensa, que se expandia muito rapidamente. Não devemos esquecer que a imprensa quase não existia no início do século XIX e que se ampliou de forma impressionante. A busca pela autonomia e pela independência fez-se presente logo nos primeiros discursos dos escritores e foi se mostrando cada vez mais patente. Então, eu não vejo por que deveríamos descartar essa reflexão. Ainda assim, escolhi deixar de lado esse conceito de campo literário e mobilizar outro conceito alternativo, que é o de espaço literário, tal como definido por Alain Vaillant (2017), que fez uma reavaliação crítica do trabalho de Bourdieu.

Alain Vaillant é um grande estudioso da literatura, um grande historiador. Ele fez esse trabalho de reavaliação da obra de Bourdieu em uma perspectiva crítica e, no livro *L'histoire littéraire* (2017), em que conceitualiza a história literária, achou mais pertinente mobilizar o conceito de espaço literário. Para entendermos o que Vaillant define como espaço literário, trago aqui uma definição muito curta a respeito: o espaço literário é o sistema sócio-histórico que engloba todos os atores, todas as instâncias, todas as

instituições e todos os processos que contribuíram para a história literária⁴. O espaço literário é, portanto, um espaço inclusivo, digamos assim, que implica não só o meio literário, ou seja, os escritores, mas também os editores, os jornalistas, a crítica literária, os detentores de poder (que vão apoiar os escritores, financiar alguns de seus trabalhos), os mecenas e os historiadores que se interessam pela história literária. Tudo isso compõe o espaço literário, que tem também sua dimensão geográfica e que contempla a questão de suas fronteiras. Essa é uma questão que eu levantei na minha tese, porque, trabalhando-se no Rio de Janeiro e a partir dos arquivos dessa cidade, naturalmente, o que se sobressai é a preponderância do Rio de Janeiro no espaço literário brasileiro. Por essa razão, tentei incluir todas as províncias do Império na minha reflexão, porque eu não podia fazer um trabalho sobre o Brasil sem pensar as províncias. E, então, interessei-me pelo Rio Grande do Sul, estudei bastante sobre o Maranhão, com a finalidade de cartografar, de forma mais adequada, esse espaço literário e as suas fronteiras.

Um outro motivo me levou também a escolher a noção de espaço literário. A meu ver, ela se ajusta melhor ao contexto brasileiro, uma vez que a noção de campo implica a busca de autonomia, e essa busca de autonomia aparece nas fontes, para o caso do Brasil, mas de uma forma muito peculiar; não é o mesmo tipo de autonomia presente na noção de campo. Há um discurso exemplar a esse respeito, feito por Manuel de Araújo Porto-Alegre, em 1858, em uma sessão festiva de aniversário do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Porto-Alegre era um dos grandes escritores da época e membro do IHGB. Ele fez um discurso, diante do Imperador, no qual definiu a independência do escritor. Ele afirmou que os homens de letras precisavam ter uma forte independência, para não se submeterem ao clientelismo político, às pessoas no poder, para não escreverem na dependência de uma elite econômica e política, como acontecia na época

4 Para a análise da configuração das Letras no Brasil no século XIX, Sébastien Rozeaux faz uso da expressão “espaço literário”, originada com base na reflexão que Alain Vaillant (2017) desenvolve sobre o sistema literário (cf. VAILLANT, Alain. *Le système littéraire*. In: *L'histoire littéraire*. 2e. Edition, Paris: Armand Colin, 2017. p. 241-262).

moderna. Mas, dizendo isso, Porto-Alegre observava também que não existiam ou quase não existiam leitores no Brasil, o que lhe levava a questionar: “como faremos?”. Não dava para alcançar essa independência, essa autonomia, a partir do mercado. A única solução que existia era pela via do Estado. O Estado devia garantir boas condições de trabalho para escritores, historiadores, dramaturgos e artistas – lembrando que Manuel de Araújo Porto-Alegre era também conhecido como pintor e desenhista. Isso é interessante, porque ele fez o discurso diante do Imperador, como eu indiquei, e de muitos ministros e membros da aristocracia imperial, dizendo: “olha, vocês devem, através da lei, através de decretos, oferecer as condições de trabalho adequadas para que possamos atuar e continuar construindo a nação brasileira”. Essa é, portanto, uma definição muito ambígua de independência. É uma independência que depende do Estado. E, quando Bourdieu (1996) define o campo literário, ele não vai nessa direção; ele vai na direção de uma autonomia frente ao mundo político. Por isso, eu escolhi usar o conceito de espaço literário, que é, a meu ver, mais adequado para as condições das Letras no Brasil da época.

Raquel Campos: ao falar de seu problema de estudo no doutorado, você já partiu do momento em que tinha definido estudar literatura brasileira, sobre a qual você se colocou a questão de elaboração de uma problemática original. Será que você poderia nos contar um pouco sobre a sua trajetória? De onde veio o interesse pelo Brasil, pela literatura brasileira e pela história da construção de uma cultura nacional no Brasil? Se possível, eu gostaria que você relacionasse essa trajetória com o próprio campo de estudos sobre o Brasil na França. Tendo em mente seu verbete sobre Georges Le Gentil, no *Dicionário de historiadores portugueses* (Rozeaux, 2015), eu fiquei me perguntando se os estudos sobre o Brasil na França têm uma relação com os estudos sobre Portugal, sobre a língua portuguesa. Ou se, em algum momento, essa relação se desfez. Isso porque, como você assinala, Georges Le Gentil desempenhou um papel fundamental na criação de uma cátedra de português

na Sorbonne no século XX e manteve relações importantes com intelectuais brasileiros, no que respeita à promoção da literatura brasileira na França.

Sébastien Rozeaux: eu fiz o mestrado na Itália sobre as dedicatórias dos escritores da Toscana no século XVII (Rozeaux, 2002). Sempre fui apaixonado pela literatura em si. Eu gosto de literatura e, sobretudo, de ler romances. Então, eu queria trabalhar com um assunto que me agradasse. Acabei estudando a literatura de uma forma mais marginal através desse mestrado na Itália. Eu fiquei um ano em Pisa e pesquisei na Biblioteca Nacional de Florença. Quando passei no concurso de agregação, eu decidi viajar para América Latina. Foi quando, um pouco por acaso, cheguei ao Brasil. Trabalhei na Aliança Francesa de Porto Alegre durante seis meses. Gostei da experiência, aprendi a língua portuguesa e resolvi estudar o Brasil. Tive bastante liberdade para escolher o tema de estudo, e isso foi importante. Naquela época, eu entrei em contato com o meu orientador de mestrado e lhe falei que eu iria tentar ingressar no doutorado, mas que não sabia exatamente que tema estudar. Ele me deu algumas ideias sobre a história cultural da Itália moderna, mas eu não gostei dos temas sugeridos, que me pareceram muito específicos e pouco atrativos. Resolvi, então, desenvolver um trabalho sobre o Brasil. Entrei em contato com uma professora na França e comecei a ler uma história literária brasileira (Castello, 1999), que achei muito interessante. Eu não sabia quase nada a respeito da literatura brasileira. Eu tinha lido um pouco de Machado de Assis e autores gaúchos, como Érico Veríssimo. Eu tinha gostado muito dessas obras e, então, decidi trabalhar com história brasileira. Estava muito interessado em retornar ao Brasil e, para isso, decidi fazer um doutorado sobre o tema. Desse modo, consegui definir, com essa professora, meu tema de investigação. Gostei de poder escolher o tema e de me propor a investigar a questão da criação da identidade nacional no Brasil, trabalhando com toda essa bibliografia que mencionamos aqui. Eu comecei a pesquisa do zero, porque eu não conhecia nada da história do Brasil, não conhecia quase nada da literatura

brasileira, um pouco apenas sobre a literatura do século XX, mas, a respeito do século XIX, não sabia nada. Comecei esse trabalho, que levou bastante tempo até ser concluído – oito anos, contando com o segundo ano de mestrado, em que fiz esses estudos iniciais.

Em relação aos estudos sobre o Brasil na França, existe, como falei, essa tradição. Na verdade, quando se estuda o século XIX, descobre-se que o interesse dos franceses pelo Brasil já existia naquela época, não foi uma coisa inventada na Sorbonne nos anos 20 ou 30 do século XX. Na *Revue des Deux Mondes*, já havia muitos artigos sobre o Brasil, sua situação política, a literatura brasileira, os principais acontecimentos, o Imperador, a chegada da República, enfim. No campo acadêmico, isso não deixou de se ampliar ao longo do século XX, com a expansão e democratização da universidade na França, acolhendo um número maior de estudantes e de professores de história ou de língua portuguesa, de Portugal, do Brasil ou da África. Contudo, muitas vezes, Portugal e Brasil predominam nesse campo. Isso tem a ver, também, com a questão da diplomacia cultural, devido ao papel determinante dos Ministérios das Relações Exteriores de Portugal e do Brasil na criação de postos de “leitores” e de cátedras nas universidades para acolher novos colegas que trabalham com esses assuntos.

Hoje em dia, esse é um campo bastante dinâmico. Somos muitos os que trabalhamos com História do Brasil. Não sei dizer quantos exatamente, mas, nos departamentos de História, constam ao todo talvez vinte, trinta pessoas que estudam Brasil colonial e Brasil independente. E isso só na História, porque há ainda um campo maior, que é o da literatura e o da civilização e também o da linguística⁵. E muitos dos que estudam civilização têm, muitas vezes, uma formação de historiador. Temos bastante diálogo com eles, o que é muito importante.

Nesses departamentos, Portugal ocupa um lugar central como país de referência para a língua portuguesa. Creio que esse as-

5 “Civilização”, nos departamentos de língua nas universidades francesas, remete ao ensino da história dos países da língua considerada. Assim, nos departamentos de português, ensina-se a “civilização”, ou seja, a história, de Portugal, Brasil, Angola etc. A maioria dos colegas que ensinam nesses departamentos tem formação em língua e literatura, mais raramente em história.

pecto até enriqueça o diálogo entre os estudiosos dos dois países, porque, na verdade, quando uma pessoa se interessa pela História do Brasil, ela precisa passar por Portugal, tendo em vista as conexões entre esses países. Acho que isso permite incentivar esse diálogo em uma perspectiva pluridisciplinar, entre colegas de Letras, de linguística, de civilização, que integram um campo bastante dinâmico e organizado e que conta com revistas, eventos.

Pedro Paulo Catharina: como as colegas já fizeram perguntas sobre o livro *Letras Pátrias*, vou me restringir a um momento posterior de sua carreira, quando você reuniu o material para o livro *Préhistoire de la lusophonie* (Rozeaux, 2019a). Esse é um tema que me interessa mais, pois sou ligado a um grupo de pesquisa do Real Gabinete Português de Leitura, do Rio de Janeiro. Vou fazer então três perguntas curtas, que têm, de certa maneira, um elo entre elas, a partir dessa relação Portugal-Brasil.

1) Você passou dois anos em Portugal e, de seu trabalho nesse período, surgiu o livro. Em que essa estada em Portugal foi importante para o aprofundamento de seu conhecimento sobre literatura, cultura e história brasileiras e também para seu entendimento, de uma maneira mais precisa, das relações entre os dois países?

2) Também nesse sentido, e retomando um trecho do livro, como a intelectualidade portuguesa do período sobre o qual você se debruçou via a produção literária e intelectual brasileira? Você se refere, em um determinado momento, a um “conhecimento lacunar” da vida literária brasileira.

3) As relações luso-brasileiras poderiam se triangular em relações franco-luso-brasileiras ou luso-franco-brasileiras?

Sébastien Rozeaux: na verdade, o objeto de minha tese de doutorado era muito ambicioso, talvez demasiadamente ambicioso. Quando pensei a questão das trocas, dos intercâmbios, decidi, logo no início, investigar meu objeto me aprofundando no tema da relação entre França e Brasil, aparentemente mais fácil, mas não menos fundamental para pensar as origens da literatura brasileira, já que existia uma conexão muito forte entre os dois países. Eu

deixei Portugal de lado, porque essa era uma questão muito complexa, sobre a qual existia já toda uma bibliografia importante, feita por colegas ou brasileiros ou portugueses. Mas, ao conhecer a herança da época colonial, chamou-me a atenção, por exemplo, o modo como as elites imperiais pensavam o passado. Havia duas tendências opostas: uma era a de desprezar a herança portuguesa, a escravidão deixada pelos portugueses. Segundo essa tendência, tudo o que faltava para que o país fosse independente e forte era culpa dos portugueses; o Brasil teria nascido atrasado por culpa dos portugueses. Havia esse discurso veemente e que se completava com a lusofobia, também bastante contundente ao longo do século XIX. Houve muitas manifestações lusofóbicas e, às vezes, violentas, inclusive no campo cultural. De outro lado, havia outra tendência, curiosa até, que dizia: “através de Portugal, temos essa conexão com o mundo ocidental e não podemos deixá-la para trás”. O Brasil estava se construindo como um país ocidental, e não se podiam descartar assim as origens portuguesas, em razão da língua, da civilização e da religião católica, que proporcionavam um elo com a antiga metrópole. A língua era um fator de unidade e de diferenciação, pois não havia muitos países com essa língua em comum.

Pesquisando as relações luso-brasileiras, chamou-me a atenção, ainda, por exemplo, o tratamento do passado na história literária. Eu tinha discutido, em parte, esse aspecto na tese, mas, em *Préhistoire de la lusophonie*, realizei, de forma mais detalhada, uma comparação entre as histórias literárias brasileiras e portuguesas, em que se verifica esse encontro ou desencontro entre tradições historiográficas rivais, concorrentes. Havia toda uma luta para se estabelecer, por exemplo, a nacionalidade dos escritores do século XVIII, como a dos poetas de Minas Gerais do fim do século XVIII: eles são o quê? Portugueses? Brasileiros? Então, havia essa luta para se apropriar de uma tradição. Pensar a literatura brasileira a partir de Lisboa, de Portugal, permitiu-me enxergar, de forma mais nítida, as relações pós-coloniais no século XIX. Essa é uma perspectiva que não existe na relação com a França, que era uma relação menos tensa nesse sentido. Havia tensões, mas de natureza distinta.

Quanto à sua segunda pergunta, relativa à visão da intelectualidade portuguesa sobre a produção brasileira, ela tem a ver com meu objeto de estudo nesse livro, em que me proponho a encontrar, a partir de meados do século XIX, sobretudo por parte dos portugueses, a adoção de uma retórica nova que afirmava existir uma relação específica entre Brasil e Portugal, uma fraternidade intelectual e literária muito forte entre esses dois países, a tal ponto que não dava para separá-las. Suas literaturas são irmãs, essa era a ideia. E é por isso que eu falo de pré-história da lusofonia, porque, na verdade, a lusofonia nasceu após a queda do império colonial na África e foi uma forma de reinventar uma relação estreita com países que não queriam mais manter qualquer tipo de relação com Portugal. Os portugueses passaram a insistir que existia sim uma relação fraterna, ao alegarem: “falamos a mesma língua, temos uma cultura comum”. A lusofonia tem muito a ver com o conceito de francofonia, porque, na verdade, a lusofonia foi inventada a partir da francofonia, que já existia.

Nos textos de escritores portugueses famosos, percebe-se a ideia de que existiria uma relação específica entre Portugal e Brasil e entre os escritores brasileiros e os escritores portugueses. Eu achei interessante estudar essa ideia: será que é verdade? Será que existe uma relação específica? Pois o que eu tinha verificado, até então, do lado brasileiro, era uma rejeição de Portugal. Então, nada de fraternidade! Rivalidade, sim, existia, mas fraternidade eu não via aparecer nas fontes. A partir dessa questão, decidi retornar à documentação. Trabalhei em Lisboa, consultando os arquivos portugueses, mas mobilizando paralelamente a Hemeroteca da Fundação Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, conseguindo, assim, fazer esse estudo comparativo com o que eu encontrava nas fontes brasileiras, com o fim de identificar se havia nelas o mesmo discurso. Foi possível verificar o nascimento desse discurso em Portugal, mas foi possível identificá-lo também nas falas, nos discursos, nos ensaios de alguns escritores brasileiros, que insistiam nas raízes portuguesas. Alguns diziam: “somos herdeiros de portugueses, não podemos deixar de lado essa herança, que é importante; ela nos deu a cultura, a civilização, a religião, etc.”.

Isso são ideias. É sempre bom, sendo historiador, não se interessar só pelas ideias, mas também verificar o que elas significam na prática, e a primeira fonte que eu mobilizei (só para responder à pergunta sobre o conhecimento lacunar que eu percebi) deixou-me muito surpreso. Para verificar se essa fraternidade existia na prática, ou seja, se havia, pelo menos, um conhecimento recíproco significativo, eu busquei o *Dicionário Bibliográfico Português*, do Inocêncio Francisco da Silva, que começou ser publicado nos anos 50 do século XIX, mais precisamente entre 1858 e 1923. E por que eu escolhi essa fonte? Porque esse *Dicionário Bibliográfico Português* incorporou a bibliografia brasileira, mesmo não sendo possível constatar isso no título. Logo no prefácio, o autor afirmou que não tinha pensado em incluir o Brasil, mas que alguns amigos letrados lhe haviam dito que não se podia fazer um dicionário bibliográfico português sem dar espaço para o Brasil. Isso é interessante, porque, na verdade, o Brasil já era independente. Mas, enfim, nesse dicionário, brasileiro é português também. E, quando se leem seus primeiros volumes, em que se encontra a menção a escritores brasileiros, como Gonçalves Dias e outros nomes, percebe-se que os verbetes são muito ruins, muito lacunares. E estamos falando de escritores brasileiros que produziram e que fizeram carreira no Rio de Janeiro, não nos confins do Amazonas; autores que produziam havia dez, quinze, vinte anos, portanto, com uma produção volumosa, mas eram completamente ignorados pelos homens de letras portugueses. Então, como se dizia que existia uma fraternidade, uma relação específica, se se desconheciam completamente as obras dos irmãos? Isso me pareceu estranho. Esse foi o primeiro passo de minha análise, mas não vou contar todo o livro. Eu percebi, logo no início das pesquisas, que existia uma contradição nessa afirmação de uma relação fraternal com o Brasil, que, na verdade, escondia uma relação mais complexa, ambígua e tensa. É verdade que alguns autores brasileiros sempre incentivaram a manutenção de uma relação forte com Portugal, mas muitos, como José de Alencar, descartaram a herança portuguesa. Alencar, por exemplo, dizia: “Daqui a pouco sequer falaremos a língua portuguesa, pois falaremos uma língua

brasileira e abandonaremos essa herança incômoda”⁶. Essa não era uma postura isolada no meio literário brasileiro. Machado de Assis, por outro lado, tinha maior interesse por Portugal, e não só por razões familiares, mas por razões intelectuais também. Procuro discutir, nesse livro, se existe um espaço literário luso-brasileiro. Essa é a minha questão. E a minha resposta é sim e, ao mesmo tempo, não. Sim, porque é verdade que existia uma relação forte, tensa, com polêmicas, injúrias entre os escritores dos dois lados do Atlântico, mas existia também uma relação que não deixou de ser específica e existiam ainda muitas trocas, livrarias brasileiras e portuguesas comercializavam livros provenientes dos dois países, os autores portugueses eram conhecidos no Brasil, os folhetins portugueses eram lidos aqui. Entre os grandes jornalistas e cronistas da *Gazeta de Notícias*, muitos eram portugueses respeitados, como Eça de Queiroz. Existia, portanto, uma relação bastante densa. E essa relação, eu tentei estudá-la de uma forma recíproca. Paradoxalmente, eu vejo que os portugueses reiteravam em suas falas a existência de uma fraternidade, mas, na verdade, quem de fato a incentivava eram os brasileiros, porque tinham um conhecimento e um acolhimento muito mais forte da produção literária portuguesa, do que o inverso. Os portugueses não tinham conhecimento da literatura brasileira. Acho, inclusive, que não havia por parte dos portugueses uma curiosidade relevante pela produção literária brasileira, que era vista um pouco como uma literatura do terceiro mundo, apesar do anacronismo desse termo aqui.

E quanto à sua última pergunta, referente a uma possível triangulação de relações franco-luso-brasileiras: ao desenvolver esse estudo, eu não deixei de lado a França, porque existia, de fato, uma relação triangular. No entanto, essas relações podiam ser múltiplas também, pois era possível incluir a Itália, a Alemanha, a Inglaterra, já que havia muitas e complexas conexões. Gonçalves Dias é um bom exemplo a esse respeito (Rozeaux, 2023). Ele nasceu de pai português, mas também tinha sangue africano, indígena. Ele já tinha em si essa mistura. Começou sua carreira

6 Sébastien Rozeaux reconstitui aqui posicionamentos de José de Alencar sobre a língua nacional brasileira expressos em diferentes escritos.

em Coimbra e em Lisboa, onde publicou seus primeiros poemas. Voltou para o Rio de Janeiro, onde publicou *Primeiros Cantos*, em 1846, porque tinha decidido que não publicaria suas obras em Portugal, por entender que, como patriota brasileiro, não poderia deixar para os portugueses seu legado literário. Ao retornar para a Europa, ele ficou um tempo em Lisboa, porque tinha a missão de copiar documentos do Arquivo Nacional para enviá-los para o IHGB, para que os historiadores do IHGB pudessem escrever a história pátria, que também fazia parte das letras pátrias. Cansado de fazer isso, decidiu viajar. Ele foi para a França, foi para a Bélgica, arrumou uma amante lá, depois foi para a Alemanha, onde publicou a segunda edição dos *Cantos* com o editor Brockhaus. Havia essas conexões, que implicavam outros países. Mas é verdade que a conexão entre a França e o Brasil, através de Portugal, é forte. Com certeza, França e Portugal são os dois países com a relação mais intensa no que diz respeito a essas gerações românticas. Isso estimulava as circulações, pois estar em contato com as manifestações literárias dos dois países implicava viajar de Lisboa para Paris, de Paris para Lisboa. Se você pensar na questão do transporte, percebe que quem saía de Liverpool, quem saía do Havre, na França, fazia escala em Lisboa. E escala, naquela época, não significava uma hora de espera, implicava alguns dias, muitas vezes. Então, havia tempo para encontrar os colegas, ir ao consulado, receber informações, remeter as últimas notícias para os jornais do Rio de Janeiro, que as publicavam – isso antes da implementação das linhas telegráficas nos anos 1870 (Rozeaux, 2019b). Então, as conexões eram complexas.

Referências

BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Martins, 1959.

CASTELLO, José Aderaldo. *A literatura brasileira, origens e unidade*. v. 1. São Paulo: EDUSP, 1999.

CHARLE, Christophe. *Les intellectuels en Europe au XIXe siècle: essai d'histoire comparée*. Paris: Seuil, 2001.

DIAS, Gonçalves. *Primeiros cantos: poesias*. Rio de Janeiro: Eduardo e Henrique Laemmert, 1846.

KALIFA, Dominique *et al.* *La Civilisation du journal: histoire culturelle et littéraire de la presse française au XIXe siècle*. Paris: Nouveau Monde Éditions, 2011.

MELLO, Celina Maria Moreira de; CATHARINA, Pedro Paulo Garcia Ferreira (org.). *Metodologia e transdisciplinaridade nos estudos literários*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2022.

RAMOS, Danielle Cristina Mendes; PELOGGIO, Marcelo; SOARES, Marcus Vinicius Nogueira; CUNHA, Washington Dener dos Santos (org.). *José de Alencar: dispersos e inéditos*. Salvador: EDUFBA, 2021.

ROZEAUX, Sébastien. *Le mécénat littéraire de la noblesse à Florence (1574-1621)*. 2002. 120 f. Dissertação (Mestrado em História) – UFR Humanités et sciences sociales, Université de Caen, Caen, 2002.

ROZEAUX, Sébastien. *La genèse d'un "grand monument national": littérature et milieu littéraire au Brésil à l'époque impériale (1822-1880)*. 2012. 802 f. Tese (Doutorado em História) – École doctorale Sciences de l'Homme et de la Société, Université Charles de Gaulle – Lille III, Lille, 2012. Disponível em: <https://theses.hal.science/tel-00768691/>. Acesso em: 9 jan. 2025.

ROZEAUX, Sébastien. Gentil, Georges. In: MATOS, Sérgio Campos (coord.). *Dicionário de Historiadores Portugueses: da fundação da Academia Real das Ciências ao Estado Novo (1779-1974)*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2015. Disponível em: <https://dichp.bnportugal.gov.pt/> Acesso em: 3 dez. 2024.

ROZEAUX Sébastien. *Préhistoire de la lusophonie*: les relations culturelles luso-brésiliennes au XIX^e siècle. Aix-en-Provence: Le Poisson Volant, 2019a.

ROZEAUX Sébastien. L'agence Havas et l'actualité internationale dans la presse brésilienne (2^{nde} moitié du XIX^e siècle). *Monde(s)*, [s. l.], n. 16, p. 109-129, 2019b. Disponível em: <https://shs.cairn.info/revue-mondes-2019-2-page-109>. Acesso em: 9 jan. 2025.

ROZEAUX, Sébastien. *Letras Pátrias*: les écrivains et la création d'une culture nationale au Brésil (1822-1889). Villeneuve d'Ascq, France: Presses Universitaires du Septentrion, 2022.

ROZEAUX Sébastien. Les cheminements du poète Gonçalves Dias (1823-1864) sur les ruines de l'ancien empire portugais. In: DULUCQ, Sophie; GODICHEAU, François; GRENET, Mathieu; ROZEAUX, Sébastien; SUAREZ, Modesta (org.). *Au cœur des d'empires*: destins individuels et logiques impériales. Paris: CNRS Éditions, 2023. p. 169-186.

SAPIRO, Gisèle. *Qu'est-ce qu'un auteur mondial?* Le champ littéraire transnational. Paris: Seuil, 2024.

SILVA, Innocêncio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. 22 volumes. Lisboa: Imprensa Nacional: 1858 a 1923. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/5430>. Acesso em: 9 jan. 2025.

VAILLANT, Alain. *L'histoire littéraire*. 2. ed. Paris: Armand Colin, 2017.

VIALA, Alain. *Naissance de l'écrivain*: sociologie de la littérature à l'âge classique. Paris: Les Éditions de Minuit, 1985.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Letras. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.